

# **O IMPÉRIO DAS PALAVRAS**

**Hiury Souza**  
**Assis Oderan**



# **O IMPÉRIO DAS PALAVRAS**

**Hiury Souza  
Assis Oderan**

**Cordel Editora Gorrión  
Itatuba-PB  
2018**

**Copyright © 2018 by Hiury Souza &  
Assis Oderan**

**TÍTULO**

O império das palavras

**GÊNERO**

Literatura brasileira

**ESTRUTURA**

192 estrofes de seis versos (sextilhas)

**AUTOR**

Hiury Souza & Assis Oderan

**CAPA**

Flávio Barges

**DIAGRAMAÇÃO**

Pádua El Gorrión

**REVISÃO**

Hiury Souza

**IMPRESSÃO**

Cordel Editora Gorrión-(83) 98687-7816

**1ª Edição - Itatuba-PB**

**Agosto/2018**

## **AGRADECIMENTOS**

Na luz fulgurante do dom de versejar, nada mais justo - se a justiça fosse uma virtude apenas terrena - saudar a grandeza do imponente Deus, na sua onipotência inexaurível.

A minha família, em nome dos meus amados e distintos pais, José e Ozenilda, e, na lembrança de minha irmã, Bárbara, deixo os meus mais sinceros agradecimentos, pela confiança, atenção, carinho e incentivo com que sempre me trataram. Ao poeta e amigo Assis Oderan, co-autor desta obra, o meu fraternal abraço e agradecimento pela parceria de costume, o que nos possibilita o caminhar constante na jornada literatura brasileira popular e erudita.

Ao poeta e caro amigo Puan Guerra o meu agradecimento singelo e honesto pelas brilhantes palavras das quais fez uma trincheira, a armadura voraz de um prefácio que consegue transpor a guerra dos versos, com uma genialidade que lhe confere o título de guerrilheiro vencedor. Ao cordelista Gorrión, o estimado Antônio de Pádua, poeta e professor, que abraçou esta obra com a felicidade e empenho de valorosos Serafins, no marchar das plagas celestiais, o meu fraternal abraço e desejo de dizer um "muito obrigado".

E, antes que a contenteza invada os rincões do meu ser, o meu agradecimento ao leitor, que seguirá nas subsequentes páginas aguardando um trabalho singular - e assim, creio que o terá.

## **PREFÁCIO**

Nas erudições populares dos novos tempos, a qualidade dos versos e a harmonia no sentido são artimanhas privadas aos grandes gênios das palavras. Nessa obra, os poetas Assis Oderan e Hiury Souza conseguem, sob a égide etérea que norteia esse fulgurante dom, sintonizar a beleza poética com a grandeza de conteúdo. O livro, genialmente intitulado “O Império das Palavras”, compreende a nobreza dos versos salutares dos poetas, que há tempos, assinam grandes composições cordelísticas, como “A Justiça do Amor” e “Defensores do Nordeste”, pela Editora Isvá, de Parnamirim/RN. Desta vez, adornando a essência poética de sempre, com a incidência de sonetos, glosas e versos simbolistas, os poetas têm a capacidade de sensibilizar os leitores com a sutileza de costume. Do orvalho escorredor da pétala de uma hortênsia ao fogaréu ardente de uma fogueira de São João; da enxada aguerrida que escava o chão pedregoso das lavouras nordestinas à perspicácia picaresca de um matuto paladino, a sapiência dos autores se faz presente.

Dotados de uma doçura infindável – similar à de doce de leite de caroço –, os autores deste brilhante livro permeiam a grandiosidade literária do povo nordestino com a sensibilidade inerente aos palcos

garbosos. Este livro é, de acordo com a minha singela ótica, a marca de um compilado de produções que consegue adentrar os corações de todos os leitores, por todas as idades, na representação fiel de uma obra que une características de plasticidade, ufania nordestina e, sobretudo, sensibilidade poética.

Ambos os poetas, em função da constante atuação no meio artístico brasileiro, trazem consigo a observância às minúcias da vida, que, após a filtragem das canetas redentoras, adotam feições sensíveis, adentrando os corações de quem os lê, na amostra máxima de que a cultura cordelística, apesar de declinante, permanece viva e é capaz de atender os anseios dos leitores ávidos por beleza e harmonia poéticas.

Após a leitura deste livro, você, caro leitor, terá conhecimento de que a literatura de cordel, adornada pela brilhosa mão da erudição epopeica, é portadora de todos os públicos, mãe das artes literárias do nosso País. Quem lê um livro como esse, prezado leitor, não está lendo um livro, está lendo um povo.

**PUAN GUERRA**

## ALMA DE POETA

Em meio aos devaneios crônicos de uma mente poética, submergidos nas águas da sensibilidade, buscamos, com a singeleza desta obra, o enaltecimento de um povo em função da ufania que identifica a existência deste. O Nordeste, sublinhado nas palavras de Augusto dos Anjos e nos acordes dos violeiros Louro Branco e Otacílio Batista, por exemplo, está fulgurado pelo brilho radiante de estrelas grandiosas, no que mais parece ser um espetáculo fúlgido no firmamento da poesia popular. Aqui, resta somente a tentativa de filhos desta terra – inóspita, maltratada, mas hospitaleira – que visa contornar as adversidades e conquistar os grandes teatros da vida, onde o protagonista principal é o próprio Nordeste. As palavras são apenas ferramentas das quais se vale o poeta, na busca incansável pelo belo, usando do juízo e da emoção para alicerçar a construção dos seus versos. E assim o fizemos! Essa obra, que traz uma compilação palpável de nossas produções, há de firmar a grandiosidade da poesia – não nossa, mas do nosso povo.

Há, nessa simples compilação de versos, uma tentativa de emaranhar distintos sentimentos, num turbilhão de energias, do pícaro ao erudito, de Lord Byron a Zé Limeira, há de tudo um tico. A sensibilidade é a mesma, embora as



imagens empregadas mudem mais que a posição do sol em tempo de invernia. Tentamos, caro leitor, idealizar um imaginário comum a todos, que compreende as mais variadas formas de escrever – do Parnasianismo secular ao Concretismo moderno.

E, talvez, perante a grandiosidade perene do Bom Deus, que nos oferece um pouco de discernimento para a realização desta obra, haja o devido reconhecimento do nosso público, deveras ávido pela sensibilidade máxima de nossas mentes, submergidas nas suas águas, a prova certa dos devaneios crônicos de uma mente poética.

Ademais, a satisfação do nosso povo realizará, por completo, na gratificação dos nossos esforços, pagando – com troco e juro – tudo o que foi empregado para tal artefato literário. E que assim o seja, embora não queiramos transparecer intento de majestades, o que pode soar como paradoxo – haja vista o nome da obra –, na dúlcida maneira de suavizar as adversidades nordestinas com frutuosas rimas e consistentes versos.

**ASSIS ODERAN**

**FILHO DO SERTÃO**

Eu sou fruto da terra enxuta e do orvalho redentor do mês de março. Singelo

artista, que busca na arte do versejar o subterfúgio de seus sofreres. Venho da terra inóspita sertaneja, ávido por águas de sapiência, dos mares do conhecimento. Nessas marolas de bem-querer, afogo-me num punhado de outras coisas, um misturado de belezas singulares que só a minha terra poderia germinar. Junto frevo com maracatu, baião com cantoria, bumba-meu-boi com coco de roda, e, no fim, essa mistura resulta na mais célebre gama de culturas, o ideário encantador do meu Nordeste.

Uso da caneta como um pintor usa um pincel. E com a mesma finalidade: teço as minhas linhas sobre o plano do papel, contornando imagens únicas, que se fixam na mente do leitor, como se fosse uma fotocópia impregnada automaticamente. Não é fotocópia, mas é automática: os versos me surgem como a água verte do olho d'água, e não só a mim, mas todos que a mim se assemelham – não na matéria, mas na essência –, porque todos os poetas são iguais.

Eu sou calango sertanejo, perambulo nos lajedos ressequidos de minha terra, frente ao sol celeste que incendeia a minha vista. Pouco vendo, vejo tudo! Me valho das armas da rima para disparar palavras na guerra de versos. Das palavras, eu monto o meu exército, nas fronteiras da saudade pelas guerras da consciência. Não possuo

baioneta, uso apenas um amontoado de páginas finas e simplórias: um cordel.

Como se aedo eu fosse, cantaria minhas canções – mesmo que numa rapsódia profana – nas ágoras do novo mundo. A lira, eu substituí pela viola, e, mesmo sem ser violeiro, a patuscada de minhas cordas vibram pelas multidões de pensamentos.

Nesta obra não defiro muito de minha mente singela, mas picaresca: salto entre o lúcido e o devaneio, a soberania e a subserviência, a quimera e o deleite. Em minha feição de poeta, percorro do regionalismo inerente a minh'alma aos grilhões da erudição. E é miscigenando meus princípios, adornando a grandiosa diversidade de nossas literaturas que me firmo como um singelo fruto – da terra enxuta e do orvalho redentor do mês de março.

**HIURY SOUZA**

## SUMÁRIO

Fervor das águas.....	16
Paixão adormecida.....	17
Soneto à poesia.....	18
Adubo da paixão.....	19
Relógio.....	20
Clemência.....	21
Solilóquio a dois.....	22
Amor meu.....	23
Eternidade.....	24
Amores diversos.....	25
Silêncio.....	26
Lágrima transparente.....	27
Pranto derramado.....	28
Cárcere da desilusão.....	29
Faíscas.....	30
Lembranças do meu torrão.....	31
Chaminés .....	32
Clareza sertaneja.....	33
Ninho de amor.....	34
Caminhos da paixão .....	35
Entre paredes.....	36

Amor presente.....	37
O direito de amar.....	38
Brisa da manhã.....	39
Bem-querer.....	40
Meu verso .....	41
Tamborete de bodega.....	42
Insegurança.....	43
Amor inverso.....	44
Doença.....	45
Taberna da saudade .....	46
Cantigas de amor.....	47
Pra que o amor seja justo .....	48
Leito saudoso.....	48
Café literário.....	50
Caneta.....	51
De volta pro sertão.....	53
Turbilhão .....	54
Por você.....	55
A prisão dos miseráveis.....	56
Imenso amor.....	57
O velho e o menino.....	58
A filosofia do poeta.....	59
Ânsia.....	60

Carta de pesar.....	61
Circunspecto tempo .....	62
Junto a ti .....	63
Vermelhidão de jardim.....	64
Felicidade e emoção.....	65
Peito resignado .....	66
Menino passarinho.....	67
País de sofredores.....	68
Jardim de ilusões.....	70
Sensatez.....	71
Resiliência.....	72
Loucura de paixão.....	73
Correntes da solidão .....	74
Saudade corredeira.....	75
Mensageiro das paixões.....	76
Pêndulos do tempo.....	77
Brilho.....	78
Velas de sofrimento.....	79
Companheira solidão.....	80
Ausência.....	81
Caminho de pedras.....	82
Mensageiro.....	83
Soneto da eternidade.....	84

Beleza lunar.....	85
Veneza paraibana.....	86
Declaração de rádio.....	87
Yayu .....	88
Deleite.....	89
Pinho de pobre aedo .....	90
Alma minha.....	91
Querendo, fez-se a poesia .....	92
Inocência.....	93
Serenata.....	94
Pensamentos.....	95
Vigília lunar.....	96
Madrugada silenciosa.....	97
Cordel nordestino.....	98
Colibri.....	99
A força de um brasileiro.....	100
Canção de um poeta só.....	101
O peregrino.....	102

## **FERVOR DAS ÁGUAS**

**Hiury Souza**

Eu relembro em meu tempo de criança  
Um barreiro a sangrar no dia ardente,  
Sob o sol escaldante, horrendo, quente  
Ruminava a mais pura temperança.

Pois no vale escoava tal bonança  
Dum aquífero longo à minha frente,  
Nesta cena mimosa e intermitente  
Mas perene era a forma da esperança.

E talvez, num delírio quase torto  
Eu, menino, esperasse o vão conforto  
Na folia infundável do aguaceiro!

O navio do tempo corre ao porto  
Onde a seca, feição do sertão morto  
Se acabava nas águas dum barreiro.



**PAIXÃO ADORMECIDA**  
**Assis Odean**

Foi no inverno passado  
Que eu te conheci,  
E no teu olhar sofrido  
Muito aflito eu me senti,  
Uma paixão que no tempo  
Se quedou adormecida.

Chorando, pediste a calma,  
E falou da tua alma  
Machucada e dolorida,  
Nas apostas do amor,  
Fiz de mim, bom jogador  
Fostes tu malsucedida.

Por amar demais alguém  
Que quase me exterminou,  
Foi ferindo a minha vida!  
O que queres mais de mim,  
Meu amor e meu carinho,  
Ou quer logo a despedida?!

**SONETO À POESIA**  
**Hiury Souza**

Vede, em vós, nossa terra em alegria  
Co'a bonança dos mares do teu solo,  
E eu, a prole que habita o nobre colo  
Deste ser, minha mãe, a poesia.

Tens a força sublime que irradia  
Em teu chão, fulgurante feito Apolo,  
Sois a mãe que carrega a tiracolo  
Este filho, um poeta, a tua cria.

E ao grafar, vou cumprindo o meu afã  
Sob a tinta que corre livre e sã  
Jaz o plano macio dum papel!

E tu brotas do solo de minh'alma  
Onde a mente encontrando a própria calma  
No labor de escrever dum menestrel.

## **ADUBO DA PAIXÃO**

**Assis Oderan**

Entre as flores sorrindo te encontrei,  
Adubando a paixão dentro do peito,  
Nesse gesto por ti me apaixonei,  
Quase morto em teu colo eu não aceito.

E se a mágoa que habita o nosso leito  
For um trono onde eu sento, feito um rei,  
Vosso amor vou prender com muito jeito  
E por dentro de mim, eu guardarei.

Que recordes dos cantos que cantei  
Pois no vale do mundo onde eu passei  
Eras tu, um adubo sobre a terra!

E se o reino perdeu o seu castelo  
Meu amor, sem ter medo, lhe revelo  
Sois a pólvora ardente em minha guerra.

**RELÓGIO**  
**Hiury Souza**

Os ponteiros correndo vagarosos  
Na angústia contente do meu ser,  
O relógio do tempo, sem saber  
Traz sofrer aos poetas tortuosos.

E os meus versos, outrora, tão garbosos  
Se perderam no medo do querer,  
E eu contando os minutos pra te ver  
Sem te ter em meus sonhos tenebrosos.

São dois pinos que agora perambulam  
Quando os versos, na noite, me especulam  
O regresso do amor que nunca veio!

Ambos nós, dois ponteiros que articulam  
No relógio da vida, onde circulam  
Nessa roda do tempo vil e feio.